

## O CAMPO ANALÍTICO TRANSITANDO ENTRE NOVAS FRONTEIRAS

Cláudio Laks Eizirik, Maria Lucrecia Scherer Zavaschi, Adriana Rispoli, Ana Cristina Tofani, Cátia Mello, Lúcia Rubin, Martha Rubbo Pacheco, Marina Silva Netto, Regina Orgler Sordi

Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no Congresso da Fepal (2020). Nosso grupo seguiu estudando as questões concernentes ao campo analítico e suas fronteiras, porém, na apresentação atual, estão igualmente lançadas uma série de reflexões e questionamentos que têm nos interpelado nesse período pandêmico.

Fronteiras são construções humanas, lugares de encontros e articulações regidos por processos sociais e históricos e, vale dizer, produzidos simbolicamente. Numa zona de fronteira há mais coexistências do que identidades, mais correspondências do que acabamentos. No presente trabalho, pretendemos dialogar com a psicanálise em zona de fronteira: entre zonas de diálogo interdisciplinar, entre zonas de transformação e ampliação da própria teoria psicanalítica, entre zonas de permanente reflexão com o mundo que nos cerca.

Na zona de diálogo interdisciplinar encontramos em Freud (1895) um trabalho de reflexão sobre os fenômenos mentais, desde então buscando ultrapassar os limiares científicos da época, cujas explicações neurofisiológicas priorizavam as motivações conscientes.

Consoante com sua experiência clínica com pacientes acometidos de doença mental, descreveu a ideia da existência de processos mentais inconscientes organizados segundo leis específicas e diversas do processo consciente. Estabeleceu uma zona de fronteira (necessariamente permeável) entre o consciente e o inconsciente, na medida em que o sentido dos fatos conscientes deveria ser buscado naqueles conteúdos que estavam recalcados na zona do inconsciente.

Sua teoria, fundadora da psicanálise, ampliou sobremaneira a compreensão sobre o funcionamento dos fenômenos mentais e nos estendeu a mão para que atravessássemos a jornada que vai do corporal até o psíquico, da natureza até a cultura.

Dentre os pensadores psicanalíticos contemporâneos, Imbasciati (2014), refere que o objeto da psicanálise não parece ser mais o inconsciente, mas sim o nível de consciência que o analista e o analisando conseguem realizar em suas relações. Não estaríamos mais somente tentando tornar consciente o que era inconsciente, como Freud preconizou.

Nesta mesma linha de expansão dos conceitos a partir da observação clínica, Civitarese (2015) entende o inconsciente como uma função psicanalítica. Para este autor, a maneira como lemos o mundo resulta do funcionamento dialético daquilo que chamamos de experiência consciente e experiência inconsciente. Essa função é eficaz quando consegue produzir perspectivas diversas, embora integradas, sobre as coisas, vale dizer, uma visão binocular. Isso quer dizer que cada coisa, evento psíquico, objeto psicanalítico, pode ser/é visto tanto do ponto de vista do consciente quanto do ponto de vista do inconsciente. Na realidade, não seriam nem mesmo duas perspectivas contraditórias, como frequentemente são consideradas, pois não são homólogas quanto ao seu nível.

Quando, em Transformações, Bion (1965) renomeia inconsciente e consciente respectivamente infinito e finito, procura refazer o caminho do emocional primitivo até o conceito e, portanto, até a possibilidade de comunicar e ser consciente. Pensar, para Bion, significa passar do infinito ao finito (por exemplo, da percepção de todas as pessoas existentes à ideia de pessoa) e, graças aos conceitos, ser capaz de aprender com a experiência. Como se percebe, estamos aqui na esteira de Bion, o qual preconizou o crescimento mental e a expansão do inconsciente, não mais apenas sua tradução. O crescimento mental, a partir de seus trabalhos, passou a ser não apenas restauração ou reparação do ego, mas a utilização da criatividade para ampliar o espaço egóico.

Numa tentativa de mostrar como a cultura vem se alterando com a queda das certezas modernas, tão bem delimitadas como eram antigamente, Civitarese mostra que os artistas vêm ilustrando e entrevendo em suas obras

um mundo no qual as fronteiras são permeáveis e, em alguns casos, bastante permeáveis. Apenas para citar uma dessas obras do séc. XX, em *Persona* o diretor Bergman já mostrava como as duas personagens protagonistas do filme eram, a um só tempo, uma. A angústia e o borramento das fronteiras são transmitidos ao observador por intermédio de recursos cinematográficos como a luz claro-escuro, os cortes de cena nos quais não sabemos se o relatado está de fato acontecendo ou é um sonho da personagem, etc. some-se a isso que a enfermeira (suposta cuidadora) é quem de fato fala sobre a sua vida, ao invés de escutarmos o drama que vive a paciente que havia sofrido um trauma. Em que pese que aqui relatamos um filme e não uma sessão de análise, reconhecemos, 55 anos após o lançamento deste filme, uma realidade atual de borramento de fronteiras sobre a qual a nossa civilização precisará debruçar-se e produzir reflexões teórico-técnicas.

Contribuição decisiva, também, para a compreensão do trabalho psicanalítico na zona de fronteira é a noção de campo analítico introduzida por Baranger & Baranger (1961/2) para quem a sessão psicanalítica é definida pelo encontro das subjetividades do analista e do paciente, indo além do que acontece na mente de um e de outro, não como um somatório de duas individualidades, mas o produto desse encontro (Knijnik, J. et alii, 2012). Aqui a zona de fronteira não deve ser ultrapassada, mas é nela que se viabiliza a vivência e a compreensão da sessão analítica.

Do que expusemos até agora, não parece demasiado lembrar que todo movimento psicanalítico, pensando e repensando suas fronteiras, sempre esteve afetado pelas características próprias de seu tempo sócio-histórico-cultural.

Freud, em seus trabalhos culturais, não apenas alargou as fronteiras conceituais da teoria psicanalítica, quanto demonstrou sua profunda implicação no espírito de seu tempo. Em seu esforço para explicar a necessidade da civilização, descrita como a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem a nossa vida, citava três fontes de sofrimento: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos corpos e a relação necessariamente ambivalente entre os homens, habitada por uma luta irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições impostas pela cultura (Freud, 1930).

Face aos acontecimentos que ora vivenciamos, podemos dizer que estamos vivendo sob a égide das três fontes de sofrimento descritas por Freud. Habitados a conviver com as forças de uma natureza relativamente dominada e predizível, vemo-nos ameaçados por um fenômeno que nos ataca de fora, nos transloca de um lugar de saber para uma zona de pura imprevisibilidade. A fragilidade de nossos corpos, uma das fontes de sofrimento, vê-se ainda mais exposta pela ameaça do Corona vírus.

Ainda não temos registro representacional para decodificar o abalo que estamos vivendo, mas certamente nossas fronteiras seguras, o setting e suas regras e a realidade externa já não bastam para responder aos impasses que se apresentam a cada dia e em cada nova situação.

Quando esse encontro, todavia, é atravessado pelo medo real da morte, a que ambos, analista e paciente estão sujeitos, quando a avassaladora inundação do vírus inunda nossas mentes, como resguardamos o setting?

A ansiedade difusa proveniente do medo da morte, não nos conduziria a um ataque à simbolização, justamente o objetivo que pretendemos desenvolver e preservar com nossos pacientes?

Como lidar com o próprio desamparo, quando necessitamos tratar o desamparo de nossos pacientes, mantendo uma neutralidade possível e sendo útil no enfrentamento de seus medos?

A internação compulsória em casa, o medo compartilhado, a absoluta incerteza sobre o que vai acontecer com ambos sujeitos da dupla, a impossibilidade de manter a tradicional assimetria, são apenas alguns fatores que irrompem de forma abrupta, rompendo com as conhecidas fronteiras do setting. Se, em nossos consultórios, as imagens de paciente e analista ficam ofuscadas, parciais pela posição de cada um, ainda que num encontro presencial, vivemos hoje uma realidade fática ao contrário. A imagem que o vídeo revela, demonstra um pedaço da intimidade de ambos, paciente e analista, quando em suas casas, ao mesmo tempo em que os olhares de ambos se tocam à distância.

Puget & Wender (1982) chamou de “fenômeno dos Mundos Superpostos” ao um estado mental particular produzido no analista quando o

material manifesto do paciente menciona dados, eventos ou situações da vida cotidiana comum a ambos, além de serem de interesse para o analista.

Segundo os autores, receber no consultório elementos que impactam o psicanalista em sua privacidade, podem provocar uma inversão involuntária do seu polo de atenção, retirando a direção libidinal da escuta ao paciente e perdendo, por momentos, a identidade analítica.

A produção do fenômeno dos mundos superpostos e a recuperação elaborativa do mesmo resulta num trabalho do psicanalista e que se inicia com a discriminação das duas histórias que se somam na superposição. Torna-se necessário conscientizar quais elementos traumáticos de sua atualidade têm remetido à sua própria história.

Essa operação elaborativa torna-se ainda mais difícil, quando o fenômeno dos mundos superpostos acontece no real do tempo presente.

Baranés (IN:Biachi, s/d) sustenta que, antes, para nossa compreensão psicanalítica, importava o entendimento e a construção com base no passado. Agora, o articulador está posto no novo. Em cada momento estamos ante uma operação transformadora na constituição do psiquismo. Trata-se da diferença que Puget introduz entre os conceitos de representação e apresentação.

Trata-se de uma diferença importante, na medida em que a representação remete ao passado e apresentação diz respeito a um presente sempre ativo e atinente ao novo. Apresentação é aquela formação psíquica que não inclui ressignificações, mas que produz um deslocamento frente ao conhecido e o novo, entre o sujeito e o outro. Os efeitos desse novo necessitam ser reconhecidos para poderem ser enfrentados, evitando assim o risco de se alienar na consideração da repetição, o que pode obstruir a possibilidade de produzir operações transformadoras que impliquem incluir o novo. (Puget,2003 ) .

Reconhecer o novo parece movimentar-nos para fronteiras mais líquidas do que propriamente as formações mais rígidas que nos impulsionam a buscar um reequilíbrio anterior, já conhecido. O conceito mesmo de *trauma* necessita ser melhor estudado frente a um contexto que não necessariamente associa-se a um passado, mas que se dá no presente e cuja inscrição é da ordem da novidade.

Como explica Puget (2005), um trauma que se inscreve como um excesso por algo que se impõe desde o exterior e que origina significações desconhecidas. Já não se trata somente do trauma vivido como reminiscência do passado, mas de uma problemática que se inscreve na história do presente, criando assim uma nova história.

Lewkowicz (IN: Puget, 2005) nos auxilia a distinguir *trauma* de *acontecimento* e num contexto em que auscultamos mais atentamente o tema das fronteiras, uma ampliação conceitual parece ser necessária para melhor compreensão desta história do presente.

O *trauma* pode ser experimentado no caso de *irrupções* violentas que desorganizam uma trama e que, em sua acepção conceitual mais clássica, remete a uma história vivencial prévia. Quando referimos *acontecimento*, em especial em seu sentido mais puro, trata-se de algo que se desprende totalmente da estrutura anterior e se inscreve sobre areias movediças, rompendo com o passado e introduzido um marco de incerteza..

O acontecimento não está contido na estrutura anterior, enquanto a noção de trauma inclui, em geral, uma possível inclusão na estrutura anterior.

O momento atual, o presente-presentação em que, o que vem “de fora” está o todo tempo decidindo por nós, traduz-se num manancial de perguntas para as quais há mais vacilações do que respostas.

Concluiremos este texto recuperando algumas questões já referidas nos parágrafos anteriores e outras novas que foram se introduzindo em nossos estudos, esperando que possam ser úteis para iniciar nosso debate:

°A ansiedade difusa proveniente do medo da morte, não nos conduziria a um ataque à simbolização, justamente o objetivo que pretendemos desenvolver e preservar com nossos pacientes?

°Podemos pensar numa crise de representação (Puget, 2004) quando há uma ruptura como a pandemia, pois não há marcas, não há registros, não sendo possível assim recuperar o sentido?

°Quando, na comunicação psicanalítica, a dupla se encontra mediatizada pelos mesmos conteúdos, suas vidas atravessadas pelos mesmos medos e perigos, não será mais dificultoso conscientizar quais elementos traumáticos da atualidade remetem à história do próprio analista para que ele

possa melhor exercer sua função analítica? (Fenômeno dos mundos superpostos, Puget, J. & Wender, L., 1982)

°Estar diante do “não podia imaginar”, “ não sei como pensar isso”, não sei para onde vamos”, não nos remete a um borramento de nossas de fronteiras?

°Quais têm sido nossas ferramentas elaborativas, nossos organizadores simbólicos para fazer frente a esse “fora” que está a todo momento decidindo por nós

## BIBLIOGRAFIA

BIACHI, I. – Una charla con Janine Puget. IN: *Psicoanalisis vincular*, s/d.

BION, W. (1961). – *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

CIVITARESE, G. (2015). O inconsciente como função psicanalítica da personalidade. *Calibán: Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*; 13(2): 129-131, 2015.

FREUD, S. - Projeto *para uma psicologia científica* (1895). IN: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.I, 1977, Imago, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_.(1930[1929]). El malestar en la cultura In: *Sigmund Freud Obras Completas*. V. XXI, Buenos Aires, Amorrortu, 1994, pp. 57-141.

IMBASCATI, Antonio. O objeto da psicanálise mudou? IN: *Revista de Psicanálise da SPPA*. V. 21(1), pp. 11-28, 2014.

KEATS, J. – *Complete Poems and Selected Letters*. London, Modern Library, 2001. KNIJNIK J; RISPOLI A, TOFANI ACA, Mello CO, RUBIN LC, PACHECO MHR & EIZIRIK, C. – Baluarte, surpresa e comunicação no campo analítico. IN: *Rev. Brasileira de Psicanálise*, vol. 46(1), 150-161.

PUGET, J. & WENDER, L. – Analista e pacientes em mundos superpuestos. IN: *Psicoanálisis*, vol IV(3): 503-21, 1982.

PUGET, J. – Intersubjetividad: crisis de la interpretación. IN: *Psicanálisis*, 25(1),

175-89, sept. 2003.

\_\_\_\_ - El trauma, los traumas y las temporalidades. *Psicoanálisis de APdeBA*, vol. XXVII (1/2), 2005, pp. 293-310.

WINNICOTT, D.W. – *O brincar e a realidade* – Imago, Rio de Janeiro, 1975.